

VESTIBULAR, ESTUDO DE CASO:

prosódia na tradução para libras

Ana Regina e Souza Campello¹Geisielena Santana Valsechi²**RESUMO:**

Neste artigo, apresentamos uma pesquisa investigativa sobre a necessidade de padronizar as metodologias de uso da prosódia na tradução para Libras, do texto da Língua Fonte (LF) para a Língua Alvo (LA), nos vestibulares brasileiros. O desenvolvimento foi baseado na leitura de teorias, análise de prosódia e análise das provas, em vídeo, de vestibulares em cinco universidades federais, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade Federal do Tocantins (UFT), Universidade de Brasília (UnB), e de uma universidade estadual, Universidade Estadual de Londrina (UEL), com o intuito de detectar o nível de clareza e a influência da prosódia utilizada nos diferentes recursos de tradução. Os resultados da pesquisa destacam propriedades da Libras, dentro da proposta de categorizar os elementos prosódicos: datilologia, olhos, boca e classificador/descrição imagética, a fim de problematizar e propor o cumprimento do direito por meio da efetivação da Lei nº 10.436/02.

Palavras-Chave: Prova de vestibular. Prosódia. Língua Portuguesa. Língua Brasileira de Sinais. Tradução/Interpretação.

VESTIBULAR, CASE STUDY:

prosody in libras translation

ABSTRACT:

This article presents an investigative research on the need to standardize the prosody the use of methodologies in the translation of Libras, the text of language Source (LF) to the target language (LA), the Brazilian vestibular. The development was based on reading theories, prosody analysis and

¹ Profa. Dra. do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), Profa. do Programa de Grupo de Estudos de Tradução da UFSC e do Programa de CMPDI da UFF. Email: anarcampello@gmail.com

² Profa. Doutoranda do Colégio de Aplicação da UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina, Doutoranda do PPGE/UDESC. Email: geisielenvalsechi@gmail.com

analysis of the evidence, on video, vestibular five federal universities, Federal University of Santa Catarina (UFSC), Federal University of Goiás (UFG), Federal University of Tocantins (UFT), University of Brasilia (UNB), and a state university, state University of Londrina (UEL), in order to detect the level of clarity and the influence of prosody used in different translation resources. The survey results highlight properties of Libras in the proposed categorizing the prosodic elements: dactylogy, eyes, mouth and sorter / description imagery in order to discuss and propose the implementation of the law through the adoption of Law no. 10.436 / 02.

Key-words: College Entrance Exam. Prosody. Portuguese Language. Brazilian Sign Language. Translation/Interpretation.

INTRODUÇÃO

A Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, reconhece a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como meio legal de comunicação e expressão, e garante a possibilidade do seu uso pelas comunidades surdas, evidenciando-a como comunicação visual transmitida pelas mãos e sem sons vocálicos, pois os olhos dos surdos fazem o papel dos seus ouvidos. Assim, podemos entender a importância desta lei e das lutas da comunidade surda. Até hoje, lutamos para proporcionar adequados recursos a estes grupos minoritários, buscando garantir seu direito à inclusão.

As universidades, porém, precisam estar preparadas para oferecer aos candidatos surdos, a tradução para Libras e, para tanto, devem entender a diferença entre as línguas de surdos e de ouvintes. Os vestibulares possuem muitas regras e a questão da tradução para Libras é uma novidade para as universidades inclusivas. A situação pede que se quebrem um pouco essas regras, para que seja possível entender as necessidades dos surdos no exame, principalmente, em relação à prosódia, ou seja, a clareza ao traduzir as questões na prova.

Justifico o desenvolvimento deste artigo por buscar identificar a experiência dos tradutores das universidades participantes, a forma como os candidatos surdos lidam com as avaliações na tradução do vestibular e a influência da prosódia na tradução para Libras. E, com isso, demonstrar a importância de se construir o processo de

inclusão nas universidades, onde a Língua de Sinais seja dominante para aos candidatos surdos.

O nosso propósito é refletir sobre as questões que se impõem no caso de prosódia em Libras e motivam esse artigo. Questiona-se como se dá a compreensão da avaliação dos tradutores destas universidades inclusivas citadas, UFSC, UFG, UTF, UnB e UEL, por meio da tradução para Libras e, com isso, a funcionalidade na modalidade visual – espacial, que utiliza a língua de sinais como meio de comunicação para a sua expressão. Foi assim que vivenciamos a realidade do acesso aos vestibulares destas universidades federais e a estadual.

Acreditamos que este artigo possa ajudar as universidades, principalmente as focadas no vestibular ou nos outros exames, como ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio, ANEB - Avaliação Nacional da Educação Básica, PROVA BRASIL (mais conhecida) - Avaliação Nacional do Rendimento Escolar, ANA - Avaliação Nacional da Alfabetização, PROVINHA BRASIL (mais conhecida) - Avaliação da Alfabetização Infantil, etc, com tradução para Libras, a conduzir o processo dos candidatos surdos, além de incentivar a busca por alternativas para as dificuldades com a prosódia.

Concorre com isso, a presença de elementos de prosódia apresentados pelos tradutores de Libras nas provas de vestibular. Para promover a discussão sobre estas perspectivas, proponhamos a responder a seguinte pergunta de pesquisa de Mestrado: *Quais são as funções prosódicas (discursiva, demarcativa ou de proeminência – no plano linguístico) identificadas nas traduções dos vestibulares para Libras?*

Nesta introdução, buscamos expor a problemática desta pesquisa, a justificativa para este estudo e a pergunta de pesquisa que guia este trabalho. Os profissionais da tradução/interpretação precisam estar preparados para traduzir as provas em Libras e oferecer condições favoráveis ao entendimento dos candidatos surdos. Como integrante da comunidade surda e pesquisadoras, trazemos como fio condutor dessa investigação, o desafio pela busca de melhores perspectivas.

Prosódia: Língua Falada (LF) x Línguas de Sinais (LS)

Cada sistema de comunicação, língua falada (LF) e língua sinalizada (LS), tem seu status prosódico e se identifica distintamente por vozes e expressão facial/corporal, produzido assim, os diferentes conceitos prosódicos das línguas LF e LS.

Primeiramente, buscamos conhecer o conceito, a definição geral de prosódia. Nesta explicação vêm os principais traços prosódicos: “tom da voz”, feito como a sílaba e a palavra (Mateus, 2004,p.60).

Mais uma vez perguntamos o que é o objeto da prosódia? Definindo, a prosódia explica sobre o “tom” ou o uso dos “acentos”, ensinando sobre que sílabas devemos pousar, levantar ou fixar a voz, atentando para saber quais sílabas são longas e quais, curtas ou breves, pois podemos ver a prosódia como o ensino da boa pronúncia.

Complementando Mateus e Plínio Almeida Barbosa³, elementos para subsidiar, neste texto, a busca pelas diferenças entre a prosódia da Língua Portuguesa e a prosódia da Língua de Sinais.

Barbosa nos fala acerca das funções prosódicas nos planos linguístico e expressivo que fornecem parâmetros para o estudo da prosódia na Língua de Sinais, pois faz referência a posturas e fala de funções afetivas e atitudinais que aparecem nas expressões captadas nos vídeos.

No caso, o estudo linguístico da língua falada (LF) explica a modalidade discursiva da frase, e no diálogo, ficam demarcados os indicadores de prosódia como sílabas, elementos fonológicos entre outros; e a proeminência relaciona a prosódia com o outro. Como exemplo, a forma discursiva tem enunciado assertivo: “João fez a tarefa.” E a outra forma, enunciado interrogativo: “João fez a tarefa?”. Entre estas duas formas de organização prosódica, pode-se ver o contraste dos dois enunciados.

No tocante aos tipos de prosódias, as expressivas distinguem-se das atitudinais

³ Professor associado do Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP.

(estilo, atitude e postura), das afetivas (emoções e humores) e dos identificadores (marcas de gênero, social e dialeto). Todos esses exemplos referem-se às funções encontradas nos enunciados, pontuando que atitude, postura e emoções são traços disfarçáveis na enunciação.

Para dar mais esclarecimentos quanto às diferenças prosódicas entre as línguas falada e sinalizada, lançamos mão do que defende a pesquisadora Brenda Nicodemus⁴, em sua pesquisa em que fala do conceito de prosódia, principalmente na interpretação da ASL – Língua de Sinais Americana. Para isso a autora explica o que é prosódia.

Nicodemus explica que os componentes da estrutura de som (língua falada) e da estrutura de gestos (língua sinalizada), não incluem a prosódia, e sim, indicam as unidades linguísticas. O papel da prosódia na produção de cada palavra (falada ou sinalizada) é diferenciado, pois há, por exemplo, uma variação na prosódia da língua falada que inclui entonação, ritmo, tempo e stress. Já nas línguas de sinais, a estrutura prosódica é expressa por mudanças de posição dos olhos, por movimentos da cabeça, bochechas infladas, entre outros comportamentos físicos. Para Nicodemus e Smith (2006, p.1), a prosódia da ASL (*American Sign Language*) se divide nas seguintes categorias: Mãos; Cabeça e Pescoço; Olhos e Nariz; e Boca, e as autoras relatam os tipos de análises com a ocorrência de marcadores prosódicos. Em 2007, os autores continuam aprofundando na categoria de “pausa” (p.7).

No Brasil, desde a década de 1980, com foco na prosódia das expressões, a autora Tanya Felipe (2013, p. 74) vem refletindo sobre este tema.

Há poucas pesquisas sobre a prosódia da Língua de Sinais. E para refletir sobre a prosódia da Língua Brasileira de Sinais – Libras, propomos outras categorias a serem consideradas como marcas prosódicas para complementar ou aprofundar as pesquisas anteriores de Nicodemus e Smith (2006) e Felipe (2013). Assim, pensamos que seria interessante analisar a Língua Brasileira de Sinais – Libras e seus elementos prosódicos.

⁴ Brenda Nicodemus é atualmente professora associada do Departamento de Interpretação da Universidade Gallaudet e Diretora de Interpretação da Gallaudet – Centro de Pesquisa e Tradução (ITRC). A biografia está no site: http://www.gallaudet.edu/interpretation/faculty - staff/interpretation/nicodemus_brenda.html

Além disso, a pesquisa segue as ideias de Sandler (2012), focando a análise da prosódia que se manifesta na tradução, para Libras, das provas de vestibular e que apresenta, em seus elementos, as características específicas da datilologia (a maneira como a mão é localizada, velocidade dos movimentos, se rápidos ou lentos), nos olhos, principalmente a relação das sobrancelhas puxadas e a direção dos movimentos do olhar, as várias maneiras de se expressar pela boca oralizada, articulação bucal, articulação da bochecha, boca fechada sem articular) e, por último, a descrição imagética (a expressão corporal relacionada ao aspecto visual que dá clareza à função imagética).

O uso da datilologia e suas dificuldades

A datilologia não faz parte da prosódia, mas é conceito na relação com o estudo linguístico. Aqui é mostrado o outro conceito para o uso da datilologia, expressado na posição em que a mão fica localizada na frente ou ao lado do peito, na forma de soletrar, mais rápida ou mais lentamente. Usando a datilologia mais rápida ou com a soletração mais lenta não há prejuízo para a leitura. São estes os elementos e as várias maneiras de utilizar a prosódia na datilologia. Esta parte do artigo mostra as dificuldades de compreensão da datilologia nas experiências vividas por surdos brasileiros, possibilitando a reflexão a respeito desse problema.

É útil para se entender melhor a comunidade surda, faz parte da sua cultura e surge da necessidade de contato com as pessoas ouvintes. Quando um ouvinte começa a tomar contato com a Língua Brasileira de Sinais (Libras), a primeira coisa a aprender é a datilologia, produzida por formatos das mãos que representam as letras do alfabeto manual, usada para nomes de pessoas, lugares e outras palavras que ainda não possuem sinal (ROSA, 2005, p.40).

Realmente nas comunidades surdas da maioria dos estados brasileiros, é frequente observar os sinalizantes⁵ que, com todas as variações regionais existentes, apresentam um uso ínfimo da datilologia. O uso da datilologia e datilologia rítmica pode ser observado com maior incidência nas comunidades surdas do estado do Rio de Janeiro e alguns estados do Nordeste, sendo que nos estados do Sul pesquisados (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) não se observa um alto índice no uso da datilologia (também conhecida por digitação) na comunidade surda.

Apesar de ter importância considerável na função de interação entre sinalizantes, a datilologia não é uma língua, usa apenas o código para representar as letras alfabéticas. Pois sabemos a datilologia na soletração é possível para qualquer surdo que seja alfabetizado e valoriza a condição bilíngue (GESSER, 2009, p.33).

A datilologia ocupa um papel quando apresenta uma imagem escrita nas mãos que remete a um significado relacionado com o alfabeto da língua oral (utiliza para isso o espaço neutro).

Pôde-se perceber que o fracasso dos candidatos surdos entrevistados na prova de vestibular traduzida se deveu, principalmente, à falta de conhecimento das palavras (nível de bilinguismo). Eles pouco utilizam a datilologia e, frequentemente, utilizam a estrutura da Língua de Sinais, sem o uso da segunda língua. Sabemos que a primeira língua para o surdo é a Língua de Sinais, que organiza e direciona sua escrita. Porém, as variações linguísticas e regionais durante o processo de entendimento, de compreensão e da captação cognitiva continuam sendo um dilema que leva ao fracasso na prova de tradução do exame de vestibular.

Então, as preocupações e sugestões das autoras são para que haja melhorias para os surdos nesse aspecto, para que eles possam sentir liberdade na realização das provas.

Interpretação dos aspectos prosódicos da Língua de Sinais

⁵ São usuários da Libras – Língua de Sinais Brasileira

Desde a década de 1980 vem sendo desenvolvido o estudo linguístico da prosódia nas línguas de sinais. Pelo presente estudo poderemos afirmar que os processos da prosódia da língua oral (vocalização) se difere da língua de sinais (espaço de sinalização). A presença da prosódia nas línguas de sinais está relacionada às expressões faciais e à exploração dos espaços.

A função pragmática de alguns marcadores não-manuais em ASL foi apontada, inicialmente, por Coulter (1982). Os linguistas começaram a comparar algumas destas funções, especialmente a articulação dos olhos e das sobrancelhas com aqueles de entonação (LEITE, 2008).

Os constituintes prosódicos da língua falada são descritos, seguindo uma caracterização da língua de sinais, definida por um único movimento ou mais de um tipo de movimento que ocorrem simultaneamente. Este movimento pode ser da mão, de um lugar para outro, movimento dos dedos, movimentos do pulso ou alguma combinação simultânea destes. As palavras da língua de sinais são tipicamente monossilábicas.

O trabalho de interpretação/tradução em língua de sinais tem sido o de separar a produção textual da língua portuguesa e da língua de sinais por ter, a equivalência da prosódia ter sido mal interpretada. Weininger coloca:

Porém, essa diversificação das línguas de sinais ocorre em grande parte pelos recursos acima descritos como sendo também prosódicos. Isso explica porque a interpretação Libras-PB precisa criar essa mesma diversificação através de uso diferenciado da base lexical do Português e não cair no erro de produzir um texto em PB (Português Brasileiro) que não passe de glosas conectadas entre si pelas regras sintáticas do Português! Aqui o código de ética mal interpretado em relação à exigência de equivalência causa bastantes problemas. O conceito de equivalência na área de tradução e interpretação é, ao mesmo tempo, onipresente e bastante elusivo e perigoso (WEININGER, 2014, p. 85 e 86).

Nesse caso, surge a dificuldade de entender o conteúdo pela falta dos elementos

prosódicos na interpretação, causando sérias dúvidas, pois os intérpretes não conseguem entender de forma correta o texto fonte na Língua Portuguesa. Assim, esclarecidas as diferenças, a interpretação para Libras tem um bom resultado, pois melhora a proficiência prosódica na interpretação dos vídeos.

Traduzir os sinais: reflexões do Venuti e Jakobson sobre tradução e interpretação

O objetivo desta seção é mostrar as principais estratégias de domesticação e de estrangeirização. Ao traduzir da Língua Portuguesa para a Libras, o importante é que o tradutor tenha uma boa estratégia para permitir a passagem de sua língua para a de outra cultura; mas é preciso ter, também, conhecimentos dos valores da cultura em questão.

A tradução deve receber adaptações, levando em conta a linguística e a cultura do leitor. Aquele que lê a tradução fica satisfeito, porque o texto foi adaptado para a sua língua e se torna uma leitura prazerosa. Esta é a chamada tradução domesticadora (VENUTI, 1995, p.111), isto é, que adequa os constituintes prosódicos aos trabalhos de tradução para Libras, relacionando esta adaptação à língua visual prazerosa dos vídeos. As traduções domesticadoras são consequência do mesmo trabalho e rotina no ato da tradução. O tradutor tem de se preocupar em adaptar a prosódia na tradutória, usando, assim, a datilologia, em olhos, boca e classificador/descrição imagética. Sem eles, não haveria uma boa visualização e qualidade dos tradutores de Libras. Em função disso, é importante trabalhar a tradução domesticadora no uso da prosódia.

Já na estrangeirização, ao contrário da domesticação, o autor não se preocupa com a cultura e a língua, pois deve deixar o texto o mais próximo da língua original. O tradutor, na estrangeirização, deixa as marcas do original, e ele não procura adaptar essas marcas. Nesse caso, fica evidente para os surdos que o tradutor não se preocupa em adaptar o texto e percebem que não é a sua cultura.

Para solucionar este impasse, Venuti (1995) criou a estratégia da tradução minorizante que, segundo ele, põe a língua e a cultura diferentes em primeiro lugar, sem falar dos valores e regras.

A tradução/interpretação envolve modalidades diferentes, pois a Língua de Sinais utiliza o modo visual-espacial, e a Língua Portuguesa utiliza o modo oral-auditivo. Na teoria de Roman Jakobson (1975), desenvolveu a seguinte classificação em três tipos: intralingual, interlingual e intersemiótica.

A partir da análise deste autor, alguns tradutores podem ter feito, nesta pesquisa, a interpretação interlingual na Língua de Sinais. É o caso de interpretação da DI (descrição imagética) da Libras e os signos verbais da Língua Portuguesa, presentes na tese de Campello (2008). O novo conceito de DI (descrição imagética) propõe que é necessário visualizar os sistemas de classificação e utiliza os sinais visuais, para ajudar na compreensão dos conceitos e da tradução gramatical visual.

Pode surgir dúvida ou confusão quanto ao uso da tradução interlingual ou da intersemiótica. Ou as duas poderiam ser usadas na mesma hora, pois a interlingual trata de duas línguas e a intersemiótica trata de sinalizar imagens (ícones).

Os estudos comprovam que a tradução realizada sempre tem resquícios de dificuldade. Muitas teorias são focadas na modalidade oral-auditiva, poucas, na visual-gestual. Para entender melhor, aqui a palavra tradução significa traduzir de uma língua (Português oral-auditiva) para outra língua (Libras visual-gestual), porém, é necessário compreender o conceito de tradução. Considerando o conhecimento da tradução intermodal, trata de traduzir entre as línguas de modalidades diferentes, como da LP para Libras, por exemplo. Quadros e Souza (2008, p.3) falam claramente sobre a tradução intermodal.

A tradução da escrita da Língua Portuguesa (língua-fonte) para a Língua Brasileira de Sinais (língua-alvo), não pode ser pensada somente como tradução intermodal, pois são necessárias imagens (filmagens), o outro sentido, o da tradução intersemiótica.

O tradutor deve saber as duas línguas em modalidades diferentes. Não é necessário aprofundar o conhecimento das línguas e culturas, mas é bom saber se posicionar confortavelmente ao se apresentar para a câmera (filmadora). É necessário utilizar a expressão corporal, a gestual e a tradução de texto para Libras (escrita da gravação no vídeo) de forma natural.

Para se realizar adequadamente os processos de tradução das provas de vestibulares é preciso ter uma equipe composta por profissionais de diferentes áreas de atuação como tradutores, revisores do vídeo, operador e assistente de câmera e o editor de vídeo. As demais responsabilidades destes exames devem ficar por conta dos professores de disciplinas como Matemática, História, Geografia, entre outras, e que terão de estar presentes para apoiar as dúvidas dos tradutores.

Tradução para Libras das provas vestibulares no Brasil

No Brasil a acessibilidade foi alcançada por meio do Decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999 que, em seu artigo 27, diz: “As instituições de ensino superior deverão oferecer adaptações de provas e os apoios necessários”.

Isto, no entanto, ainda não é respeitado em todo o país. A falta de acessibilidade ainda é um grande problema, e as conquistas das pessoas com deficiência foram parciais de acordo com a sua necessidade diferenciada (Braille para cegos, rampa para físicos, intérprete para surdos etc.).

Com base em diretrizes da luta pela educação bilíngue dos surdos, sabe-se que as pessoas surdas não aprovam ser chamadas de pessoas com “deficiências”, mas sim como “pessoas diferentes”. Os surdos também podem, como grupo minoritário, conquistar direitos e cumprir seus deveres. A falta de acessibilidade é um processo de exclusão para a vida das pessoas com deficiências na sociedade. Isso discrimina, dificulta o acesso a uma melhor qualidade de vida e às oportunidades ao direito à educação e ao trabalho. A acessibilidade permite a diversidade do ambiente e o respeito às diferenças, dando oportunidades a todos os cidadãos e algumas

universidades consideram o vestibular como meio de inclusão para os candidatos surdos. Garbe diz que:

O vestibular deve ser considerado apenas a primeira etapa na inclusão de alunos surdos com necessidades especiais oriundas de deficiências. Há uma série de exigências e modificações que deverão ser colocadas em prática durante a permanência do aluno na universidade. A principal delas é a quebra dos preconceitos, a redução do estigma que envolve a pessoa com deficiência e sua inclusão social (GARBE, 2008, p. 43).

Quando aparecem os surdos na instituição, esta tem que promover o acesso ao conhecimento da cultura surda e à sua língua natural, a Libras, na qual utilizam os olhos para ver que as mãos falam. Às vezes usam datilologia para determinado sinal existente por força de hábito ou para dar ênfase na soletração, mas a Libras tem sua própria estrutura gramatical, que não é só usar o alfabeto, letra por letra. E por ser assim tão abrangente, a Língua Brasileira de Sinais – Libras – trabalha os cinco parâmetros que são: a configuração de mãos, ponto de articulação, movimento, direção e expressão facial/corporal.

As provas de vestibular traduzidas em Libras, no emprego e do modelo das técnicas de tradução das provas pela Universidade Federal de Santa Catarina, foram, por fim, reconhecidas e a conscientização sobre a inclusão social e educacional dos surdos tem crescido.

PADRONIZAÇÃO: MODELO DE ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO PARA LIBRAS DOS VESTIBULARES

Glosas

Em busca das estratégias usadas nas técnicas de tradução para Língua de Sinais no vestibular, os tradutores devem considerar que a tradução da língua fonte, Língua Portuguesa escrita, para a língua alvo, Língua de Sinais, é uma modalidade

diferenciada. O tradutor transporta, para a filmagem, a tradução para Libras dos textos escritos oriundos da Língua Portuguesa, transformando as mensagens em estímulos visuais por ser a Libras vista como uma língua visual (expressão facial, corpo e as mãos).

As práticas tradutórias das glosas podem ajudar no desenvolvimento do trabalho de tradução, pois facilita o processo, porque a estrutura da sintaxe na LP é muito diferente da Libras, que é sinalizada, e não escrita como no Português. Então, para melhorar a tradução para Libras, os tradutores seguem a prática de glosas (DINIZ, 2010) e técnicas de tradução (QUADROS e SOUZA, 2008, p.206); assim, a leitura textual não é prejudicada e os candidatos podem sentir-se mais preparados e seguros durante o tradutório de Libras.

Assim o uso de glosas com símbolos é exemplo de processo pré-tradutório. O conflito dos profissionais tradutores está em fazer as leituras do Português, e memorizar os significados das palavras e depois passar para a Língua de Sinais. Os tradutores surdos com o uso da glosa têm mais facilidade em ler o texto na estrutura da Libras. Ou do uso da nova técnica da Glosinais (CAMPELLO e CASTRO, 2013)

A interpretação consecutiva permite que os tradutores e intérpretes tenham tempo para preparar um texto-alvo construído de forma inteligível, não deixando de considerar que o estilo de tradução dos surdos é diferente do estilo dos ouvintes, mais facilitado pela interpretação (SOUZA, 2013, p. 180)

De toda, maneira quando o tradutor não prepara a pré-tradutória com símbolos de glosas, o processo fica mal organizado e o tempo de gravação pode ser mais demorado e predicável no processo tradutório.

Recursos gestuais-visuais do tradutor de Língua de Sinais no vestibular

Nesta seção são explicadas as estratégias de recursos gestuais-visuais do tradutor de LS para que se possam ajudar os exemplos de modelos a padronizar das provas nos vestibulares do Brasil, considerando a influência desse registro no contexto

da sinalização. Foram estudadas pesquisas acerca de elementos como “olhos”, “boca”, “classificadores/descrição imagética” e “datilologia” que influenciam no resultado final. A seguir, técnicas usadas para tradução na Língua de Sinais, e que abordam questões de prosódia.

Espaço de sinalização: o uso do espaço de sinalização tem três tipos de movimentos: *FRENTE, ESQUERDA/DIREITA, CIMA/NEUTRO*. Estes são os espaços para sinalizar LS. Não existem os sinalizantes parados pelo meio do espaço neutro. E são vários tipos de movimentos para qualquer espaço, como “frente”, “esquerda e ou direita”, “cima ou neutro). Assim, acontece do usuário de Libras influenciar os diferentes espaços de sinalização com níveis de formalidade e informalidade.

Soleturação manual/datilologia: Ferreira explica que a “datilologia” ou soleturação digital, é o alfabeto utilizado para traduzir nomes próprios ou palavras para as quais não se encontram equivalentes prontos em Libras [...] (2010, p. 22). Utiliza as letras do alfabeto da Língua Portuguesa para o uso na mão. No Brasil, na Libras, o uso da datilologia deve ser localizado em frente ao corpo (lado do rosto), pois facilita a clareza linguística, e, portanto, nunca deve ser feito na frente do rosto.

Expressões faciais: é necessário o uso de expressões faciais para dar sentido aos aspectos prosódicos e destacar os recursos linguísticos de ordem lexical com as frases afirmativas, negativas, interrogativas e exclamativas.

Classificadores/descrição imagética: de acordo com Quadros e Karnopp (2004, p. 93) os classificadores são geralmente usados para especificar o movimento e a posição de objetos e/ou pessoas, ou ainda são empregados para descrever o tamanho e a forma desses elementos, o que geralmente é chamado de descrição imagética.

Para encerrar esta seção, é importante colocar que nas técnicas de tradução é importante determinar e seguir as etapas do trabalho, para que os objetivos determinados para a tradução para Libras no vestibular sejam alcançados e não gerem

dúvidas ou confusão para seus usuários. A questão interpretativa levantada pelas autoras permitem estabelecer as fases para as estratégias de tradução no vestibular, conforme segue:

Leitura global

Leitura
detalhada

Descrição em
glosas ou
glosinais

Filmagem pronta

Esquemas visuais

A leitura global pede um exame integral dos textos referentes às questões do exame, no caso, o vestibular. Esta etapa possibilita o conhecimento dos conteúdos a serem traduzidos, e permite que o tradutor identifique as dificuldades com o texto, o que poderá ser um obstáculo à tradução. Esta constatação leva à segunda etapa, que é a da leitura detalhada. Nesta, o tradutor pode refletir sobre os conteúdos acerca dos quais tem dúvidas e aprofundar-se em suas. Resolvida esta etapa, o profissional deve descrever o texto a ser traduzido com o uso de glosas ou da glosinais (CAMPELLO e CASTRO, 2013). Após tudo isso, parte-se para a gravação de câmera da tradução para Libras nos vídeos, fazendo o bom uso dos esquemas visuais. Esse modelo adota, e propõe a ideal para o material de tradução da Língua Portuguesa para Libras estar pronto e adequado para ser utilizado com mais segurança, considero estas estratégias podem ajudar o trabalho tradutório para Libras nos vestibulares no Brasil.

Metodologia e análise dos dados na tradução das provas de vestibulares UFSC, UFG, UFT, UNB E UEL

Esta seção serão especificadas as categorias nos processos prosódicos, seguidas de outros exemplos de uso da prosódia na interpretação em ASL (American Sign Language), definidas pelas autoras Nicodemos e Smith (2006). Na análise das

propostas feitas pelas autoras, são quatro as categorias com os marcadores prosódicos: mãos; cabeça e pescoço; olhos e nariz; e boca. O objetivo do estudo foi relatar os tipos de análises com a ocorrência de marcadores prosódicos, seus trabalhos com a interpretação da palestra, e a avaliação da fluência dos surdos na interpretação da ASL. O vídeo foi dividido em três seções: 1. direções, 2. prática, 3. interpretação. Foram gravados os tipos de marcadores de prosódia. Sobre os marcadores prosódicos foram analisados os movimentos específicos do intérprete, investigados, analisados e produzidos os marcadores prosódicos com base nas quatro categorias que utilizam língua de sinais. As categorias são: 1. mãos; 2. cabeça e pescoço; 3. olhos e nariz; e boca, 4. corpo. Foram descritos os marcadores prosódicos específicos para cada categoria.

Então, considerando as análises dos marcadores prosódicos investigados das provas de vestibulares no Brasil, principalmente nas universidades UFSC, UFG, UFT, UnB e UEL, com detalhamento das categorias, a nossa proposta são: datilologia (com o movimento da mão), olhos (mudança dos olhos), boca (articulação e mudanças nas bochechas) e a descrição imagética (movimento corporal com a direção e repetitivo).

As tabelas a seguir mostram os resultados das análises gerais dos elementos prosódicos aplicados, comparando as traduções das provas dos vestibulares de UFSC, UFG, UFT, UnB e UEL, serão divididas as três tabelas são: registros, categorias e resultados.

Vejamos aqui:

Tabela 01: Registrados os dados de *corpus* das provas vestibulares

Registros	Quantidades dos tradutores	Duração da prova	Questões	Legenda	Figuras do vídeo
UFG 2012	1 surda 1 ouvinte	48 minutos e 37 segundos	30	125	2

UEL 2012	1 surda 1 ouvinte	1 hora, 13 minuto s e 43 segund os	60	0	0
UFSC 2014⁶	3 surdos 2 ouvintes	2 hora, 38 minuto s e 04 segund os	Laranja Biologia História Geografia Matemática	8	57
UFT 2015⁷	1 surda 1 ouvinte	56 minuto s e 04 segund os	15	4	8
UnB 2015⁸	1 surda	20 minuto s e 60 segund os	60	25	10

Elaborado pela autora Valsechi.

Tabela 02: Categorias analisadas

Categorias	Datilogia	Olhos		Boca	CL/Descrição imagética
UFSC Universidade Federal de Santa Catarina	Frente do peito	Direção para a câmera e os lados a lados (caso para DI)		Articula	Sim
	Sem movimento para aos lados			Raro de oralização no português	

⁶ Existem mais tradutores da UFSC, fiz somente com cinco tradutores: os três surdos e dois ouvintes. Analisadas as provas: Prova laranja (tradutor surdo), geografia (tradutor surdo), história (tradutor surdo), matemática (tradutora ouvinte) e biologia (tradutor ouvinte).

⁷ Somente as 15 questões, foram repetidas por 2 vezes. Após finalizar em todas as questões, teve mais uma vez repetida de revisão para todas as questões de 1 até 15.

⁸ A prova tem 60 questões, analisei somente as 15 questões.

[ARTIGO]

UFG Universidade Federal de Goiás	Frente do peito	Direção para a câmara e o lado a lado (caso para DI)		Articula	Sim
	Pouco movimento para aos lados, rápido e demonstra os sinais			Oralização rara no Português	
UFT Universidade Federal de Tocantins	Frente do peito	Direção para a câmara e o lado a lado (caso para DI)		Articula	Sim
	Sem movimento para aos lados			Boca fechado	
UnB Universidade de Brasília	Frente do peito	Direção para a câmara em pouquíssimo, foca mais o baixo, e o lado a lado (caso para DI).		Articula	Sim
	Com movimento para aos lados			Raro de oralização no Português	
UEL Universidade Estadual de Londrina	Frente do rosto	Direção para <i>feedback</i> , perdida, sérios e foca a direção câmara pouquíssimo.		Articula muito	Não
	Às vezes se move para os lados e rápido			Oralização e boca séria	

Elaborado pela autora Valsechi.

Tabela 03: Resultados os aspectos prosódicos

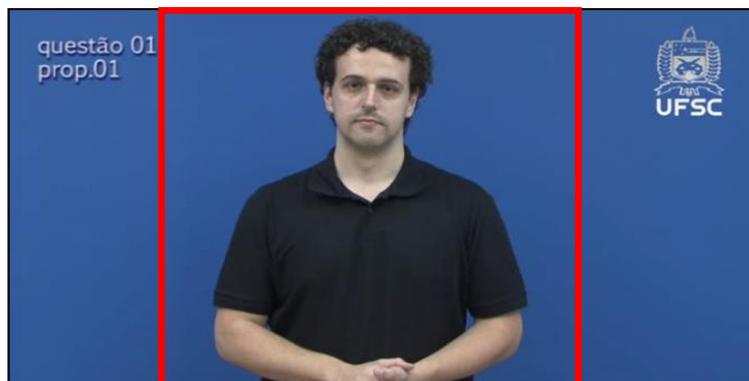
Resultados	Datilologia	Olhos	Boca	CL/ Descrição imagética
UFSC	628	Direção da câmara	Articula normal	6
UFG	127	Direção da câmara	Articula normal	5
UFT	2	Direção da câmara	Pouquíssima articulação	3

UnB	32	Direção aos lados e baixo	Pouquíssima articulação	5
UEL	51	Direção aos lados e <i>feedback</i>	Articula muito e sérios	0

Elaborado pela autora Valsechi.

Vejamos aqui os resultados selecionados dos marcadores prosódicos com os tradutores (as):

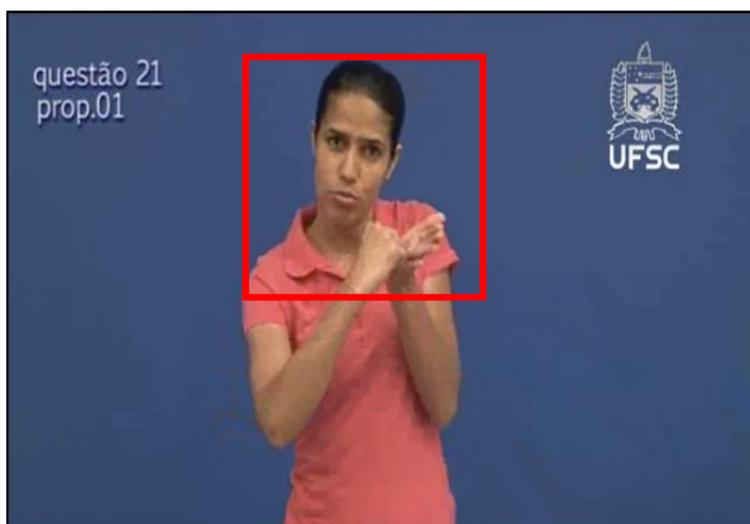
Figura 1: Uso adequado do espaço, das mãos e da expressão facial



Fonte: <http://www.vestibular2014.ufsc.br/provas-e-gabaritos/>

O uso do espaço sinalizado está perfeitamente adequado. As mãos cruzadas servem para indicar onde se pode recortar as gravações (fica mais fácil de cortar), e também podem mostrar o momento de finalizar o vídeo. A expressão facial é natural e a postura, formal. O ator demonstra estar consciente de que deve traduzir com boa fluência e clareza.

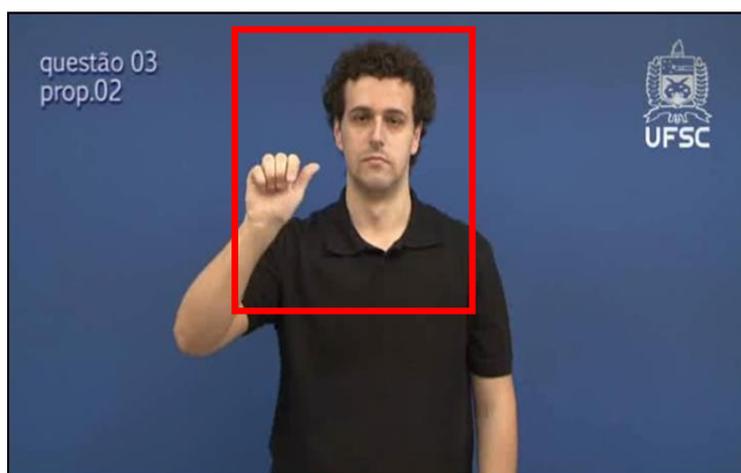
Figura 2: Boca não oralizada.



Fonte: <http://www.vestibular2014.ufsc.br/provas-e-gabaritos/>

Os movimentos da boca e sua boa articulação facilitam a boa prosódia. No caso desta tradutora, ele diminui o movimento da boca e a fecho, para esclarecer que foi pedido um “parágrafo curto”. É necessário adaptar o uso da prosódia na tradutória da Língua de Sinais, para que o aluno não necessite depender da leitura do texto (LP).

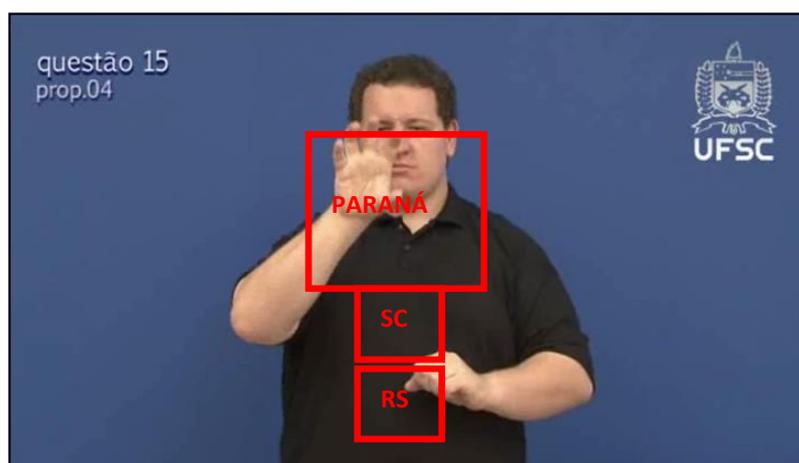
Figura 3: Postura adequada do tradutor



Fonte: <http://www.vestibular2014.ufsc.br/provas-e-gabaritos/>

A soletração foi feita ao lado do ombro, em frente ao corpo. O fundo azul não prejudicou a leitura da mão. Expressão facial neutra (olhos focados na câmera), a boca não oralizava quando soletrava a palavra (neste momento sem legenda). Conforme Venutti (1995) é uma situação em que o tradutor tem o objetivo de traduzir os textos estrangeiros para domesticadores.

Figura 4⁹: Tradução de disciplina específica: Geografia



Fonte: <http://www.vestibular2014.ufsc.br/provas-e-gabaritos/>

Sinalizou o classificador/descrição imagética movimento da mão, de cima para baixo (mostrou os três estados do sul separados, boa visualização para a região do mapa do Brasil). O tradutor descreve o espaço e a localização: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. É necessário visualizar os sistemas de classificação, isso facilita a compreensão da questão traduzida. O movimento corporal da descrição imagética é

⁹ Estes vídeos foram gravados do estúdio na UFSC, de forma bastante adequada. A parede azul é suficiente para a visualização e há uma marca UFSC ao lado do tradutor. A iluminação foi boa para a cor da pele, não atrapalhou, de forma nenhuma, a prosódia de Libras.

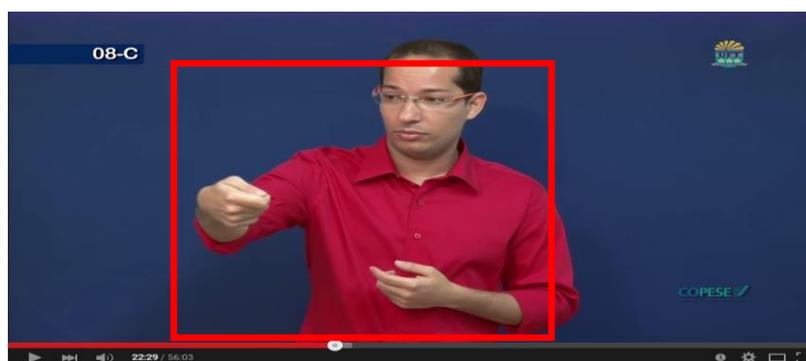
utilizado para a tradução gramatical visual (sinais visuais) para ajudar na compreensão dos conceitos, demonstrando os locais no mapa. (Comentário de Campello, 2008).

Figuras 5 e 6: Uso de classificadores/sinal imagética



Fonte: Imagem do vídeo recebido por e-mail, de prova não divulgada no site.

Foi necessário o uso de classificadores/sinais imagéticos para especificar o movimento de asas e bicos dos passarinhos que representavam os desenhos da questão no vestibular. A tradutora usa a forma gestual, para esclarecer a pergunta traduzida. O olhar foi mostrado pelas mãos em forma de bicos de passarinhos conversando. As figuras encontram correspondência em Campello (2008) e Segala (2010), que utilizam os sinais visuais como classificadores e demonstradores das expressões faciais/corporais. A tradutora surda mostrou ter consciência de que deve traduzir com clareza.

Figura 7: Uso a direção do olhar

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=QQ9HgkWLz4M>

O tradutor evidenciou a mudança na direção do olhar e também o movimento das sobrancelhas, não articulou nenhum movimento da boca e apresentou uma leve expressão facial. Dessa forma, deu sentido aos aspectos prosódicos e destacou a ordem lexical (afirmativas). Os olhos e a cabeça foram focados na direção direita em “frente do sinal para a pessoa”. A prosódia nesta tradutória em Libras ficou natural.

Figura 8: Traduzido pela a descrição imagética



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=QQ9HgkWLz4M>

A tradutora usou a classificador/sinais imagéticos para identificar a pessoa. Primeiro a ela mostrou as formas do movimento corporal, aqui foi citado a expressão facial com uma forma de bigode. Depois disso apareceu a alternativa de uso da figura. A tradutora surda mostrou ter consciência de que deve traduzir com clareza.

Os erros que devem ser evitados

Figura 9: Movendo a soletração em frente ao peito da direita para esquerda. Direção do olhar errado.

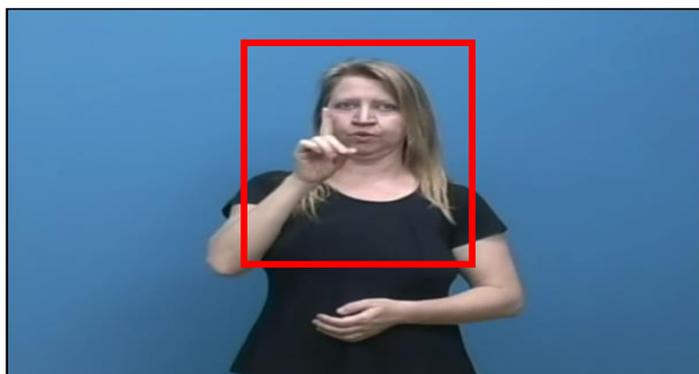


Fonte: http://www.cespe.unb.br/vestibular/VESTUNB_15_1_LIBRAS/

Soletração feita em frente do peito não ficou boa. As cores da blusa e da cor da pele colidiram com a iluminação forte. Não oralizou, articulou um pequeno movimento

da boca com os sinalizantes. Outra detalhe, houve mudança da soletração do movimento a direita para a esquerda, pois a tradutora focou no *feedback* do texto em baixo câmera - aqui já se percebe que os olhos ficaram atentos para o chão e preocupada com o erro da palavra, e havia também o corpo que se mexia com movimento repetitivo. Aparece também uma legenda longa, e visualmente a leitura, na tradução, não ficou boa.

Figura 10¹⁰: Dificuldades com soletração e prosódia



Fonte: Vídeo de CD cedida pela Coordenação COPS, da UEL - Paraná.

A soletração não foi adequada, pois foi feita em frente do rosto. A cor da pele (mão e rosto) não possibilitou clareza na leitura da palavra soletrada. A soletração deveria ter sido em frente ao peito para melhor visualização, já que a cor preta da blusa ajuda na leitura. A tradutora mexia muito a boca (oralizava) e os olhos aparentavam estar meio perdidos, olhava para a outra tradutora atrás e ao lado da câmera (*feedback*). Não se preocupou com o impacto da prosódia usada, adaptou a

¹⁰ Quanto às gravações no estúdio da UEL, a visualização, com o fundo azul, foi considerada boa, mas infelizmente a tradução não se apresentou boa para aos candidatos surdos (nenhum deles foi aprovado no vestibular de 2012).

tradutória simultaneamente à Língua Portuguesa. Não usou a estratégia minorizante de Venutti (1995). Os surdos sentiram desconforto em relação à datilologia em frente do rosto, que atrapalhou a leitura e tornou desagradável a situação.

Figuras 11 e 12: Falta de clareza e necessidade de melhorar a prosódia



Fonte: Vídeo de CD cedida pela Coordenação COPS, da UEL – Paraná

Traduzindo para Libras, primeiro sinalizou “PESSOA” e depois sinalizou “DESENHO”, mas a expressão facial/boca continuou igual. A tradutora não apresentou mudança da expressão. O processo tradutório precisa de clareza para ser compreendido pelos surdos, apesar de que os surdos focam muito na expressão facial (no caso, os olhares e a boca deveriam ser melhorados). A tradutora ouvinte não se preocupou com a mudança da expressão facial.

Finalizando, o processo tradutório de Libras envolve a tradução cultural dos surdos, e não pode ser determinado pela estrutura da Língua Portuguesa. E a inclusão

dos surdos nas universidades deve ser baseada nas mudanças de regras para os vestibulares em todas as universidades do Brasil. Para mudar a acessibilidade aos vestibulares devem ser oferecidas traduções adequadas para Libras nas provas em vídeos, menos a redação escrita da L2.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir, digo que as universidades inclusivas ainda não estão preparadas para receber os candidatos surdos no enfrentamento das provas de vestibular, deixando-os à mercê da reprovação. Assim, buscamos conhecer o funcionamento das universidades, como a Universidade Federal de Santa Catarina, que apresentam técnicas e condutas que, em função de fatores como número de pesquisadores na área da surdez, tempo de atuação nesta mesma área, entre outros, respeitam a cultura surda.

Nossas preocupações e sugestões giram em torno da melhoria dos processos para que os candidatos surdos não se sintam desconfortáveis durante as provas de vestibular. Ajudará muito quando as estratégias de prosódia usadas na tradução da Língua de Sinais forem adequadas, evitando trabalhos tradutórios nos vídeos em Libras complexos e mal feitos.

Embora, o objetivo deste artigo é abordar os resultados, obtidos ou não, dos candidatos surdos e a influência da prosódia nas traduções de Libras das provas vestibulares de UFSC, UFG, UFT, UnB e UEL, que muito ainda precisa ser feito.

Por fim, é que os resultados aqui apresentados possam servir como material de estudo e reflexão, e como incentivo para a implantação de provas traduzidas conforme as normas da cultura surda em outras universidades para que estas também se tornem inclusivas.

REFERÊNCIAS

AVELAR, Thais Fleury. **A questão da padronização linguística de sinais nos atores-tradutores surdos do curso de Letras – Libras da UFSC**: estudo descritivo e lexicográfico do sinal “cultura”. Dissertação de Mestrado em Estudos da Tradução. Florianópolis: UFSC, 2010.

_____. **Entrevista com tradutores surdos do curso de Letras - LIBRAS da UFSC**: discussões teóricas e práticas sobre a padronização Linguística na tradução de língua de sinais. Artigo redigido para a disciplina de Seminário de Estudos de Língua de Sinais. Florianópolis, UFSC, ago. 2008.

_____. **O papel da tradução no desenvolvimento da língua de sinais brasileira, um breve histórico**. Artigo redigido para a disciplina de História da Tradução. Florianópolis: UFSC, 2008.

BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra**: ou o albergue do longínquo Trad. TORRES, Marie-Hélène Catherine; FURLAN, Mauri, GUERINI, Andréia. 2. ed. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013.

BARBOSA, Paulo Almeida. Das concepções primeiras ao recorte científico atual. 2008. In: **Enciclopédia Virtual de Psicolinguística**.
<http://psicolinguistica.letas.ufmg.br/wiki/index.php/Pros%C3%B3dia>

BERTHIER, F. Les Sourdes-muets avant et depuis l'abbé de l'Épée. (Texto originalmente publicado em francês em 1840). In: Lilian Cristine Ribeiro Nascimento, **Um pouco mais da história da educação dos surdos, segundo Ferdinand Berthier**. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/revistas/ged/etd/article/viewFile/1646/1493>

BRASIL. **Decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999**. Regulamenta a Lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de deficiência, consolida as normas de proteção, e dá outras providências. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/>. Acesso em: 29 de mar. 2014.

_____. Decreto nº 5.626. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, 19 de dezembro de 2000. *Diário Oficial da União*, Brasília, 22 de dezembro de 2005.

_____. Lei 10.098 - Acessibilidade. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, 19 de dezembro de 2000.

_____. Lei 10.436 de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras – e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília.

_____. Lei 12.319 de 01 de setembro de 2010. Brasília Presidência da República Congresso Nacional, 2010.

CALIXTO, Renato. M. F.; GARCEZ, R. L. O. ; OLIVEIRA, S. M. **Traduzir e interpretar:** incursões no mundo do outro ou atos de fronteira? Reflexões teóricas sobre o papel do intérprete a partir de uma perspectiva culturalista. 2012. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

CAMPELLO, Ana Regina e Souza. **Aspectos da visualidade na educação de surdos.** Tese de doutorado em Educação. Florianópolis: UFSC, 2008 In:
<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/91182/258871.pdf?sequence=1>

CAMPELLO, Ana Regina & CASTRO, Nelson Pimenta. **Introdução da Glosinais como ferramenta de tradução / interpretação das pessoas Surdas Brasileiras.** In: Revista Escrita. Número 17. PUC-RJ. Rio de Janeiro, 2013, p.1-14. ISSN: 1679-6888.

CAMPOS, Geir. **O que é tradução.** São Paulo: Brasiliense, 2004.

Dicionário digital **Aulete Caldas.** Disponível em:
<http://www.aulete.com.br/pros%C3%B3dia#ixzz3clzss89B>

DINIZ, Heloíse Gripp. **A história da Língua de Sinais Brasileira (Libras):** um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC/CCE, 2010.

FAULSTICH, Enilde. Modalidade oral-auditiva versus modalidade viso-espacial sob a perspectiva de dicionários na área da surdez. In: LIMA-SALLES, Heloisa Maria Moreira (org). **Bilinguismo dos surdos:** questões linguísticas e educacionais. Goiânia: Cânone, 2007.

FELIPE, Tanya Amara. O discurso verbo-visual na língua brasileira de sinais – Libras. In: **Bakhtiniana.** Revista de Estudo. Discurso vol.8 no.2 São Paulo July/Dec. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2176-45732013000200005&script=sci_arttext Acesso em: mai. 2015.

GARBE, Mariza. **O acesso à educação:** a situação do surdos. Londrina: UEL, 2008.

GESSER, Audrei. **Libras? Que língua é essa?:** crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GUERINI, Andréia; PEREIRA, Maria Cristina. **Introdução aos estudos da tradução.** Curso de bacharelado em Letras-Libras. Florianópolis: UFSC, 2008.

GUIMARÃES, Marcelo Pinto. Pessoas portadoras de deficiência e a falta de acessibilidade. **Qualidade de vida**, Piracicaba, v.2, n.9, fev., 2000.

JAKOBSON, Roman. Aspectos linguísticos da tradução. In: **Linguística e comunicação.** Trad. BLIKSTEIN, Izidoro; PAES, José Paulo. São Paulo: Cultrix, 1975, p. 64-65.

_____. **Linguística e comunicação.** Trad. BLIKSTEIN, Izidoro; PAES, José Paulo. 22. ed. São Paulo: Cultrix, 2010.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. **Surdez: processos educativos e subjetividade.** São Paulo: Lovise, 2000.

LEITE, Tarcísio de Arantes. **A segmentação da língua de sinais brasileira (libras):** um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos. Tese de Doutorado, 2008, São Paulo: USP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

LUCHI, Marcos. **Interpretação de descrições imagéticas:** onde está o léxico? Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 2013.

MATEUS, Maria Helena Mira. Estudando a melodia da fala: traços prosódicos e constituintes prosódicos. In: **Encontro sobre o Ensino das Línguas e a Linguística.** APL e ESE de Setúbal 27 e 28 de Setembro de 2004, Portugal. Disponível em: <http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2004-mhmateus-prosodia.pdf>

NICODEMUS, Brenda; SMITH, Caroline. **Prosody and utterance boundaries in ASL interpretation.** Proceedings of the Thirty-Second Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society. University of New Mexico, 2006.

NICODEMUS, Brenda. **The use of prosodic markers to indicate utterance boundaries in American Sign Language interpretation.** University of New Mexico, 2007.

OLIVEIRA, Elaine Teresa Gomes. **Acessibilidade na Universidade Estadual de Londrina:** o ponto de vista do estudante com deficiência. Dissertação de Mestrado em Educação. Marília: Universidade Estadual Paulista, 2003.

PERLIN, Gladis. As identidades surdas. In: SKLIAR, Carlos (org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

PFAU, Roland; STEINBACH, Markus; WOLL, Bencie. **Sign language: an international handbook**. De GruyterMouton: Berlin/Boston, 2012.

QUADROS, Ronice Muller de. **O tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa**. 2. ed. Brasília: Secretaria de Educação Especial; Brasília: MEC, SEESP, 2007.

_____; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos**. São Paulo: Artmed, 2004.

_____; SOUSA, Aline Nunes de; VARGAS, Roberto Dutra. Tradução do vestibular UFSC/2012 para a Libras. In: Anais do III Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa. Disponível em: http://www.congressotils.com.br/anais/anais/tils2012_metodologias_traducao_q_uadrossousa.pdf

_____; SOUZA, Saulo Xavier. Aspectos da tradução/encenação na Língua de Sinais Brasileira para um ambiente virtual de ensino: práticas tradutórias do curso de Letras Libras. In: QUADROS, Ronice Muller de (Org.). **Estudos Surdos III**. Petrópolis: Arara Azul, 2008.

_____; STUMPF, M.; OLIVEIRA, J. 2011. Avaliação de Surdos na Universidade. In: HEINING, Otilia; FRONZA, Cática (Org.). **Diálogos entre linguística e educação**. v. 2. Edifurb. Blumenau.

_____; WEININGER Markus J. (orgs.). **Estudos da Língua Brasileira de Sinais III**. Florianópolis: Insular / PGET/UFSC, 2014. SELS Série estudos de língua de sinais. v.3.

ROSA, Andréa da Silva. **Entre a visibilidade da tradução da Língua de Sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete**. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2005.

SEGALA, Rimar Ramalho **Tradução intermodal e intersemiótica/interlingual: português brasileiro escrito para língua brasileira de sinais**. Dissertação de Mestrado em Estudos da Tradução. UFSC: Florianópolis, 2010.

SILVA, Claudney Maria de Oliveira; SILVA, Sofia Oliveira Pereira dos Anjos Coimbra da. Tradução de provas para libras: uma proposta metodológica. In: **3º Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução & Interpretação de Libras e Língua Portuguesa**. ago. 2012. Disponível

em:http://www.congressotils.com.br/anais/anais/tils2012_metodologias_traducao_silvasilva.pdf

SOUZA, Saulo Xavier. Percepções da norma surda de tradução no Brasil: o caso do curso de Letras-Libras da UFSC. In: QUADROS, Ronice Muller de, STUMPF, Marianne Rossi e LEITE, Tarcísio de Arantes (Orgs.). **Estudos da Língua Brasileira de Sinais I**, 2013.

_____. **Performances de tradução para a Língua Brasileira de Sinais observadas no curso de Letras-Libras**. Dissertação de Mestrado, Mestre em Estudos da Tradução: lexicografia, tradução e ensino de línguas estrangeiras. Florianópolis-SC. Agosto – 2010, 174p.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: UFSC, 2008.

VALSECHI, Geisielen Santana. **O uso da datilologia LSB**. No prelo.

VENUTI, Lawrence. A tradução e a formação de identidades culturais. Tradução de Lenita R. Esteves. In: SIGNORINI, Inês. **Lingua(gem) e identidade**. Campinas: Fapesp, 1998.

_____. **Escândalos de tradução, por uma ética da diferença**. Tradução de Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo. Bauru: EDUSC, 2002.

_____. **The translator's invisibility: a history of translation**. London/New York: Routledge, 1995.